

REBELDES DA FRONTEIRA

VALMIR BATISTA CORRÊA

RESUMO *Este artigo é parte de uma pesquisa sobre dois fenômenos que marcaram a área rural e a fronteira sul de Mato Grosso. Coronéis, detentores de latifúndios e criadores de gado bovino ou exploradores dos recursos da região, representavam a força do poder local e rural. Do outro lado da mesma moeda estava o banditismo que, desde o fim da guerra paraguaia e durante muito tempo, infestou o cerrado e o pantanal do sul mato-grossense. Bandidos e impunidade foram os traços marcantes desse território, registrados pelos contistas regionais e pela tradição oral que forjaram mitos e heróis populares.*

PALAVRAS - CHAVE *Bandidos, coronéis, violência, fronteira sul de Mato Grosso.*

ABSTRACT *This article is part of a research about two phenomena that have marked the rural world and the southern border of Mato Grosso. Colonels, latifundia owners and cattle farmers or managers of resources in the region, representing the strength of the local and rural power. The other side of the same coin was banditry that, since the end of the Paraguayan War and for a long time, infested savannah and wetland Mato Grosso do Sul. Bandits and impunity were the outstanding features of this territory, recorded by regional storytellers and the oral tradition that forged myths and folk heroes.*

KEYWORDS *Bandits, colonels, violence, southern border of Mato Grosso.*

O sul de Mato Grosso, caracterizado como uma *fronteira flutuante*, com raízes que remontam às disputas entre portugueses e espanhóis, no período colonial, foi uma área de difícil controle do Estado pelas dificuldades de delimitação precisa e pela facilidade de mobilização populacional, permitindo a livre circulação de bandidos e bandos armados na região. Por essas características, a fronteira assumiu função estratégica nas ações legais, nas contravenções e também nas possibilidades de fuga, dificultando a repressão e possibilitando a impunidade. Desse modo, após a Guerra do Paraguai, essa fronteira foi marcada pelo aparecimento de focos de banditismo concentrados em áreas de antigas fazendas ou promovendo ataques aos que participavam da reconstrução da região. Um exemplo disso foi a ação de um bando de desertores, chefiado por um indivíduo de nome Estraquilino, no Pantanal, em 1872.

Essa situação não se modificou com o período republicano, o que reforçou na região a disseminação de um banditismo generalizado com características rurais e raras incursões no meio urbano. De fato, desde a fase inicial de instalação de fazendas, tanto a pecuária como a atividade extrativa ervateira apresentaram tendência à concentração de terras. Excluído do trabalho e da posse da terra, o sertanejo teve suas opções estreitadas, ora ficando à disposição dos grandes senhores de terras (tornando-se parte do *batalhão de reserva* dos coronéis), ora caindo no mundo do crime e da marginalidade por sua própria conta e risco.

Além disso, os poucos e pequenos núcleos urbanos estavam quase sempre ilhados em vastas áreas desabitadas, e os precários meios de comunicação entre as diversas regiões do estado impediam maior mobilização e rapidez de tropas e forças policiais no combate ao banditismo. No entanto, esse banditismo, apesar da expressiva presença na fronteira, vinculando a imagem de Mato Grosso a um lugar sem lei e sem ordem, onde imperava a *lei de 44* (jargão pelo qual ficou conhecida a impunidade na região mato-grossense, referindo-se às armas de calibre 44), nem sempre superou os limites do anonimato.

O banditismo circunscreveu seu território e seu universo na extensa área de domínio dos coronéis que, em função de suas lutas pela posse da terra e por questões político-partidárias, transformaram o sul de Mato Grosso em uma região de conflito generalizado e permanente. Essa relação *coronéis-bandidos* apareceu

quase que exclusivamente no sul do Estado, identificada com as disputas pelo poder local e pela posse de terras. E, apesar deste ter sido um momento de constantes *ondas* de banditismo, violência e quase completa impunidade, poucos foram os bandidos/bandos que se sobressaíram ou escaparam da tutela dos *coroneis guerreiros* (CORRÊA, 2006, p. 194).

Mais tarde, a região sul “foi marcada pela ação de grandes bandos e de figuras que se tornaram legenda no Estado, agindo de modo independente do controle dos *velhos coronéis*” (CORRÊA, 2006, p. 194).

Tal situação foi também favorecida pela *fronteira fictícia e móvel* com o Paraguai, tornando frequentes as investidas e as depredações de fazendas no lado mato-grossense, pelo resguardo que a “outra banda” oferecia. Por sua vez, os movimentos revolucionários e perseguições políticas que convulsionaram por muito tempo a república paraguaia provocaram em vários momentos fluxos migratórios intensos, transformando o lado brasileiro em refúgio tanto para bandos armados e malfeitores, como para trabalhadores fugidos da fome e da falta de oportunidade na terra natal. Essa foi a razão que levou a Câmara Municipal de Nioaque, assolada por ataques de bandidos armados, sobretudo paraguaios, a reivindicar junto ao governo do estado “obstar e punir os crimes exercidos, mais pelos adventícios refugiados dos Estados vizinhos e da Republica do Paraguay para este Destrito do que pelos moradores d’este municipio”¹. No período do pós-guerra com os paraguaios, Nioaque sofreu ataques de um

¹ Relatório da Câmara Municipal de Nioaque, 1894. (Manuscrito).

grupo de treze homens chefiados por José Rodrigues Oriental e a região de Porto Murtinho foi atacada por outro de mais de sessenta homens chefiados por Augusto Ferraz. A incapacidade governamental de exercer o controle sobre a extensa região sul do estado sempre foi minimizada pelas autoridades que justificavam a fragilidade dos meios de repressão reclamando de falta de verbas e de armamentos, falta de efetivo policial, dificuldades de locomoção, e omissão do Paraguai na repressão ao banditismo.

Ao mesmo tempo, o fluxo populacional procedente do Rio Grande do Sul para a fronteira sul de Mato Grosso (muitos ex-soldados, revolucionários fugitivos das lutas políticas regionais e do revanchismo dos vencedores, ou mesmo criminosos comuns), engrossou as fileiras do banditismo fronteiriço e difundiu certos hábitos de vida e de lutas como, por exemplo, a prática da *degola*, muito comum nas revoluções gaúchas e amplamente utilizada na região mato-grossense por bandidos, nas lutas coronelistas e nos ataques às fazendas. Segundo Sodré,

Era endêmico o banditismo, em Mato Grosso, pelo menos no sul, na área pastoril – constituía verdadeira praga. Região de pastoreio extensivo, de latifúndios, regiam ali relações feudais. Os estancieiros, em boa parte gaúchos, de famílias que se haviam transferido para ali com a derrota do federalismo, eram senhores de baração e cutelo (SODRÉ, 1967, p. 148).

Na revolução iniciada em Corumbá, em 1892, envolvendo todo o estado, bandidos foram arregimentados para a formação de *batalhões patrióticos* tanto do lado dos coronéis situacionistas como do lado dos coronéis revolucionários. Mesmo após o término dessa refrega, o gosto pelos saques e pelas *requisições* compulsórias (expedientes utilizados para *saques legalizados*, pois os prejuízos eram sempre ressarcidos pelo governo estadual),

além da impunidade que grassava na fronteira, motivara os remanescentes desses batalhões patrióticos a continuar suas guerras particulares. Essa situação de insegurança ocorrida tanto do lado brasileiro como do lado paraguaio, marcou de maneira peculiar a *fronteira móvel* do sul do estado. Assim, o governo paraguaio solicitou, ainda em 1892, o

desarmamento de um grupo de 60 paraguayos commandados pelos irmãos Lopes, os quaes, havendo servido a favor do Governo Federal no movimento revolucionário que houve nesse Estado, se acham presentemente em Nioac e nas serras do Rio Apa ameaçando invadir o território paraguay, com sentimentos hostis ao actual governo² [mais tarde, em 1901, voltaram a participar das lutas coronelistas].

² Ofício da Legação dos Estados Unidos do Brasil em Assumpção ao Exmo. Snr. General de Brigada Luiz H. de Oliveira Ewbank, 22 de julho de 1892 (Manuscrito).

Assim, as lutas políticas, os desmandos dos coronéis, a violência endêmica e o banditismo fronteiriço forjaram uma situação de grande insegurança que passou a caracterizar toda a região e da qual o município de Porto Murtinho foi um exemplo típico:

É preciso dizer-vos, senhor presidente, que este lugar é fronteira, e que todos os desordeiros e bandidos da visinha Republica aqui se refugiam a pretexto de trabalharem na empresas Matte, Ferro-carril e serraria a vapor, as quaes occupam centenas de braços: e elles, ajustando-se por insignificante salario, têm em vista a execução de malevolos intentos, desde que lhes permitta a occasião – O roubo, o assassinato, a violação ao lar doméstico – Em dias de domingo é este povoado alarmado com mil e mil tiros de armas de fogo.³

³ Ofício Cópia n. 200. Subdelegacia de Policia da Parocchia de Porto Murtinho ao Cidadão coronel Pedro Leite Osorio, vice-presidente em exercicio no estado, 16 de outubro de 1906. (Manuscrito).

A relação *coronéis-bandidos* apresentava uma ambiguidade à medida que, dependendo dos interesses envolvidos, o bandido

podia contar com a benevolência e a proteção do latifundiário *coiteiro*, ou ser eventualmente perseguido e reprimido por *capturas* organizadas pelos próprios fazendeiros. Em Maracaju, por exemplo,

para compensar essa falta de policiamento, os fazendeiros fizeram acordo, que vigorou por mais de 40 anos e consistia no seguinte: sempre que havia um crime que atingisse qualquer fazendeiro, ter-se-ia de organizar uma *escolta*, para a qual cada fazendeiro contribuiria com os homens de que pudesse dispor – familiares e peões./ Organizada, a escolta passava a perseguir o criminoso e, localizado, ela mesmo o punia (FERREIRA; ROSA, 1988, p. 47).

Na realidade, e em geral sob motivações políticas, a ação dos batalhões coronelistas pouco se diferenciava dos bandos armados que atacavam e saqueavam na fronteira. Nessas condições, raramente um bandido atuava de maneira isolada, preferindo a proteção do bando. No entanto, um bandido da fronteira, Franck Six Moritz, notabilizou-se por um comportamento *sui generis* e solitário. Sismório, como ficou conhecido na fronteira, era natural de Corrientes, na Argentina, filho de pai inglês e mãe paraguaia, chegou a ocupar um posto na polícia de Concepción e emigrou para o lado brasileiro no início do século XX. Segundo uma curiosa e detalhada descrição feita por Puiggari, Sismório

impunha-se pela sua bella apparencia de gaúcho de fino trato e maneiras gentis. Estatura elevada, corpulento sem ser obeso, pelle muito clara e rosada, cabellos louros, olhos azues, sombrancelhas arqueadas e ligeiramente crespas, bigodes atrevidos e bem cuidados, nariz regular e um tanto grosso, labios finos, desenhando uma bocca pequena, com dentes iguaes e alvissimos, tendo os caninos ligeiramente salientes. Impressionava as mulheres com o seu pittoresco trajar de uma elegancia gauchesca, pouco commum; riquissimo pala de

vicuña, bem dobrado e negligentemente atirado ao hombro esquerdo, deixando ver acima do franjado um S entrelaçado num M, em relevo, bordado á seda escarlate. Chapéo de feltro, com abas muito largas, botas altas e rebrilhantes, chilenas de prata lavrada, tilintantes, completavam o todo de Franck Six Moritz que nunca se mostrava, sem o grande lenço colorado, preso ao pescoço por um argolão de ouro em complicados arabescos (PUIGGARI, 1933, p. 9-10).

Iniciou sua trajetória no banditismo por volta de 1906 e, somente no ano de 1911, o governo estadual tomou providências para persegui-lo e puni-lo em vista de sua participação na “revolução” do coronel Bento Xavier, “em cuja força ficou com a graduação de tenente” (LIMA, s/d, p. 52). Alertado por amigos da própria polícia, Sismório fugiu para o Paraguai e, depois, para a Argentina. Mais tarde, ao retornar ao Brasil, pela fronteira do Rio Grande do Sul, foi preso e fuzilado.

No universo do banditismo, praticamente reservado a homens, apareceu nessa fronteira um bando sob o comando de uma mulher, a gaúcha Maria Aparecida Belmonte. Conhecida como Capitoa, lutou em 1893, na revolução gaúcha de Gumercindo Saraiva junto ao batalhão chefiado pelo próprio marido. Depois de comandar a tropa, com a morte do líder, Capitoa rumou com seus companheiros revolucionários a Mato Grosso, onde liderou um grupo de bandoleiros na vasta região sul fronteiriça (SEREJO, s/d (1), p. 3-28).⁴ Serejo descreveu Capitoa como de “estatura baixa, morena-clara, cabelos compridos, olhos levemente esverdeados, voz grossa, autoritária e rompante, andar nervoso demonstrando constante insofreguidão. Mantinha, invariavelmente, o rosto pintado com carmin vermelho-violeta” (SEREJO, s/d (1), p. 4). Armada de espada e de um 44, Capitoa também “usava uma faca e um belo rebenque, ambos com cabo chapeado de prata; lenço colorado no pescoço; bombacha enfeitada com botões de varias côres; bota; esporas tinideiras; fita

⁴ Em depoimento datado de 19 de junho de 1977, em Presidente Wenceslau, SP, Serejo afirmou que seu trabalho foi escrito a partir da coleta de informações orais de antigos moradores da fronteira.

de côr no cabelo, e um chapelão de vistosa barbela” (SEREJO, s/d (1), p. 4).

As atividades de Capitoa e seu bando foram reprimidas com a ação do Major Antônio Gomes Ferreira da Silva (ex-sargento do exército que participou da campanha de Canudos), homem de grande prestígio militar e político na fronteira. Então, a pretexto de seu envolvimento nas lutas partidárias de 1916, Antônio Gomes intimou-a, como forma de desmoralizar sua autoridade e seu prestígio perante seus homens, a não usar roupas masculinas. Presa por não acatar essa ordem, Capitoa foi obrigada a deixar suas roupas masculinizadas, teve seus cabelos raspados e foi expulsa com seu bando da região.⁵

A partir da década de 1930, até os anos 1940, surgiram no sul de Mato Grosso diversos bandos, cujas atividades ganharam fama além dos limites do estado. O aparecimento de bandos pequenos ou numerosos, mais ou menos organizados, assumiu novos contornos em relação ao banditismo da fase anterior a 1930 e se limitou à região sul do estado e à sua área de fronteira. Foi uma época em que reinaram, quase sempre impunes, bandos como os *bochincheros* e os *quatreros*, ou bandos chefiados por Sylvino Jacques, o mais célebre de todos, pelos Quirinos, Flores, Pacas, Baianinhos, Galbas e Netos.

Na região ervateira, por exemplo, atuaram pequenos bandos chamados *bochincheros*⁶, constituídos por fronteiriços e paraguaios:

adulando os poderosos, oferecendo em almoeda sua valentia á coronelada fronteiriça, explorando os pobres e infelizes trabalhadores, churrasqueando pelos ranchos, trapaceando nas carreiradas e contando proezas á porta dos bolichos; sempre mettidos em perneiras bem lustradas, roupa domingueira e chapelão de abas largas, grande lenço de seda ao pescoço, azul ou vermelho, conforme a ocasião; pacholas e atrevidos com os fracos; sem profissão conhecida, a não ser a de agenciadores da venda de herva-

⁵ Conta-se ainda que Capitoa, por volta de 1924, cuidava de uma *venda* em Campo Grande, MS e depois disso não se teve mais notícias sobre a sua vida. Cf. SEREJO, 1984.

⁶ Segundo Serejo, “como não conseguiam trabalho, passavam a se divertir com musiqueada (baile improvisado) que recebia o nome de *Bochincho*”. Depoimento de Helio Serejo ao autor.

matte, obtida clandestinamente e a de introductores de bebidas alcoolicas nos ranchos hervateiros; bem armados e melhor municados, anda uma caterva de individuos de vida parasitaria na campanha fronteiriça, verdadeiros empreitadores de desordens, sem fé nem lei, provocadores e bandidos (PUIGGARI, 1933, p. 91-92).

Os *bochincheros* apresentaram uma peculiaridade: quando explodia um movimento armado em Mato Grosso, esses bandos permaneciam em território paraguaio até que a situação da política mato-grossense se normalizasse. A seguir, ultrapassavam a fronteira e se fazendo passar pelos *vitoriosos da revolução* saqueavam toda a região fronteiriça (PUIGGARI, 1933, p. 89-99). Dessa forma, pouca diferença houve entre a ação dos *bochincheros* e a antiga prática das requisições coronelistas. Como os *bochincheros*, apareceram, igualmente na zona ervateira, os *quatreros*. Segundo Serejo, “Quatrero veio de longe, dos confins do território paraguaio./ Surgiu por força de uma sangrenta revolução guarani” (SEREJO, s/d (2), p. 35).

O mais célebre de todos os bandidos da região sul mato-grossense (segundo o poder situacionista) foi Sylvino Jacques, conhecido pela população sulina e fronteiriça como o *Lampião de Mato Grosso*. Sua fama, mistura de herói sertanejo e bandoleiro muito temido, transformou-o num *mito* em Mato Grosso, cujas proezas foram cantadas em verso e prosa pela literatura regional. Assim, a maior parte de sua vida e de sua atuação é preservada até os dias de hoje em toda a fronteira sul-mato-grossense e no pantanal, através da tradição oral e do mito: “Vi muitas vezes em comercios de carreira, ele improvisando, cantando com uma sanfona e bebendo vinho. Muito bom atirador. Abria garrafa de bebidas, seus companheiros segurando a garrafa na cabeça e ele atirando com o Revolve (sic) e tirava tampa sem quebrar a garrafa”.⁷

Vindo do Rio Grande do Sul, onde cometeu seu primeiro crime, Sylvino Jacques lutou em 1932 ao lado das forças governistas

⁷ Depoimento de Homero Antunes da Silva, em Bonito, MS, 21 jun. 1977.

na região de Porto Murtinho, como capitão da Brigada Militar, dedicando-se mais tarde às atividades comerciais. No entanto, no ano seguinte, foram solicitadas “providências necessárias no sentido de serem presos e extraditados os indivíduos Silvino Jacques e Argemiro Leão, pronunciados pelas justiças da comarca de Ponta Porã, por terem assassinado Candido Barbosa Pratt, e refugiados no Paraguai”.⁸

A atuação de Sylvino Jacques só adquiriu repercussão por volta dos anos 1935/1936. Por essa época, matou um membro da família de Alípio dos Santos⁹, seus antigos amigos e companheiros, iniciando uma rivalidade que só teve fim com a morte de Sylvino. Conforme alguns depoimentos, Sylvino Jacques teve o apoio de alguns membros da família Santos para participar de um movimento armado, em 1935, com o objetivo de lutar pela divisão do estado mato-grossense, além de vinculações com a intentona comunista:

Silvino Jacques e Argemiro Leão receberam um contato do Rio, um alemão de nome Agrícola. Era um elemento de ligação dos comunistas. Silvino começou arrebancar homens armados, entre eles eu e Alcides, para atacar Porto Murtinho. Segundo Silvino Jacques a missão era dividir o estado. Chegaram a fazer prisioneiros num lugar chamado Recreio. Nesse momento chegou no acampamento esse Agrícola. Depois ficamos sabendo que veio avisar do fracasso da intentona. Silvino matou esse Agrícola.¹⁰

Apesar da versão de Orsório Santos e Alcides Fernandes da Silva, Agrícola foi preso e remetido para o Rio de Janeiro, onde permaneceu em liberdade. Agrícola tinha ligações com Luís Carlos Prestes e com o PCB, recebendo de seu líder a incumbência de ir a Mato Grosso para atender à determinação de “juntar algumas armas e amigos ou companheiros, que comece imediatamente

⁸ Of. Reservado do Ministério da Justiça e Negócios Internos ao Interventor Federal de Mato Grosso. Rio de Janeiro, 02 ago. 1933.

⁹ O episódio teve origem numa desavença entre Sylvino e um genro de Alípio dos Santos, durante uma *carreira* (corrida rústica de cavalos), sendo mortos também um primo de Sylvino e um seu camarada.

¹⁰ Depoimento de Orsório dos Santos, em Bela Vista, 10 nov. 1979. Esse mesmo relato foi confirmado no depoimento de Alcides Fernandes da Silva, Bela Vista, na mesma data. Segundo Bezerra, “em Mato Grosso, desenvolveu-se uma luta guerrilheira, comandada por Silvino Jacques, que conseguiu resistir durante vários meses, graças à sua mobilidade” (BEZERRA, 1980, p. 226).

a luta contra os fazendeiros reacionários, contra os impostos, contra o imperialismo, contra a Mate Laranjeira, satisfazendo os interesses imediatos do povo”.¹¹ De acordo com Agrícola, o emissário do PCB, a data do levante em Mato Grosso chegou a ser marcada para o dia 24 de setembro de 1935 e, por sugestão de Sylvino Jacques, foi transferida para o dia 30 do mesmo mês. Nessa data, Sylvino Jacques conseguiu com Argemiro Leão (que havia participado da Revolução de 1924) reunir vários grupos armados. “Convém salientar”, informou o emissário, “que Silvino teve grande prejuízo, dando quase toda a sua mercadoria para as famílias dos camponeses que iriam nos acompanhar, além disso, vendeu uma boiada com prejuízo de sua parte, para o dia 30 estar completamente livre para o movimento”.¹²

O adiamento definitivo do movimento, por orientação do Comitê Central do PCB, resultou na prisão de Agrícola com a sua entrega às forças do Exército por Sylvino Jacques e Argemiro Leão. Segundo o *Informe Mato Grosso*, essa prisão foi um artifício para minimizar o efeito da reunião de muitas pessoas armadas para um movimento revolucionário e evitar uma repressão das forças governistas. Provavelmente, as repercussões de um movimento separatista, ou mesmo do seu envolvimento com o movimento comunista, extrapolaram os limites desejados por Sylvino Jacques, tornando-o um elemento indesejável para as autoridades mato-grossenses.

O combate sistemático ao bando de Sylvino Jacques correspondeu ao período de desarmamento no sul de Mato Grosso, já em pleno Estado Novo, e comandado pelos militares do Exército. Assim, a repressão ao bando foi conduzida, de início, pelas forças militares. Segundo a imprensa local,

o Sr. General Commandante da Região tem tido varios offerecimentos de fazendeiros, de homens armados por elles próprios e custeados para combate aos bandoleiros, porem sua Excia. tem recusado sistematicamente, não desejando

¹¹ Carta de Prestes a Agrícola (6 de agosto de 1935. Tribunal de Segurança Nacional. Processo n. 1) (VIANNA, 1995, p. 340). Muito provavelmente, refere-se ao Tenente Agrícola Baptista, que foi ajudante de ordens de Prestes na época da Coluna.

¹² Informe Mato Grosso (Informe de início de novembro de 1935. Tribunal de Segurança Nacional. Processo n. 1) (VIANNA, 1995, p. 115-116).

¹³ *Jornal do Commercio*.
Campo Grande, 25 dez.
1938.

que população faça quaesquer gastos ou sacrifique uma só vida nessa campanha.¹³

Não houve, porém, nenhum combate direto entre o bando e as forças do Exército, o que, até certo ponto, confirmou a falta de interesse dos militares num confronto direto com os bandidos. De fato, a maior preocupação do Exército no estado mato-grossense foi a questão do desarmamento em toda zona rural e urbana.

Mais tarde foi designado como delegado especial para a repressão ao bando de Sylvino Jacques, Manoel Bonifácio Nunes da Cunha.

Decidido o Estado a pôr termo aquela situação anormal, organizou a Delegacia Especial do Sul, com séde em Aquidauana. Auxiliada por dois grupos de civis contratados e pelo pelotão de Cavalaria da Força Policial, a Delegacia iniciou forte ação contra Silvino Jacques e seu bando, em abril de 1939.¹⁴

¹⁴ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, Presidente da República pelo Bel. Julio Strübling Müller, Interventor Federal de Mato Grosso, 1939-1940.

Duas *capturas* foram organizadas para a perseguição ao bando de Sylvino, uma sob o comando do tenente Rodrigo Peixoto, e outra de Orsório Santos.

De acôrdo com o plano de operações contra os bandoleiros, a Captura comandada por Orsório Santos marchou, no dia 18 do corrente, á noite, de Margarida para a Fazenda Triunfo, propriedade de Severino de Toledo. No dia 19 do corrente, á tarde, a Captura de Orsório Santos encontrou o bando de Silvino Jacques na envernadinha do Triunfo, perto do ribeirão Prata, abrindo fôgo contra o bando, o qual fugiu para o lado da fazenda Aurora, sendo perseguido pela Captura, de baixo de intensa fusilaria da mesma, num percurso de 9 quilometros. Ao chegar ao corrego Aurora, o

bando se entrincheirou na barranca do mesmo. A captura tentou desaloja-lo, sendo nesse momento (atingido) o destemido metralhador Horacio Santos e machucado, em virtude de queda do seu cavalo, o sargento Héron Alves, subcomandante da Captura./ Como a Captura de compunha apenas de 11 homens, foi ela obrigada a retroceder, afim de sepultar o metralhador e prestar os socôrros de que necessitava o Sargento Héron, que se portou no combate com inexcédível bravura, segundo informa o comandante da Captura./ Depois de remuniçada e de conduzir a Béla Vista o Sargento Héron, a captura voltou a operar e fazendo, a 24 do corrente, o reconhecimento do local do combate, encontrou o cadaver de Silvino Jacques, chefe dos bandoleiros./ O cadaver foi encontrado numa rêde armada na costa do correjo Aurora, coberto por um *Puitan*. O cadaver de Silvino Jacques apresentava tres ferimentos produzidos por bala de fuzil: um no braço direito (da direita para a esquerda), outro na região illiaca (da direita para a esquerda, atravessando a bacia), e outro na perna direita (direita para esquerda, atravessando a perna).¹⁵

¹⁵ Foi identificado o cadaver do famoso bandoleiro Sylvino Jacques! A eficiente campanha de repressão aos cangaceiros. *Jornal do Commercio*, Campo Grande, 30 maio 1939.

Contemporâneos ao bando de Sylvino Jacques apareceram também alguns grupos menores que geralmente se dedicaram ao roubo de gado. “Um grupo de ladrões, entre os quaes figura como cabeças: Vitor, João Paca e uns taes Querinos, todos sobejamente conhecidos, do povo e autoridades de aqui, estão em plena atividade, roubando-nos a luz do dia, em lotes de 10 e 100 cabeças de gado e cavalos estes sempre escolhidos”.¹⁶ Esses pequenos bandos foram igualmente reprimidos e, em pouco tempo, desapareceram do sul do estado.

¹⁶ Ofício do Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso ao Presidente do Estado, Julio Strubling Muller, em Campo Grande, dezembro de 1940.

Outro grande bando que adquiriu notoriedade em Mato Grosso foi conhecido por *Baianinhos*, denominação originada do apelido de seu chefe, o tenente comissionado do Exército, Octacílio Baptista¹⁷, e do qual faziam parte seus cinco irmãos. Segundo Machado, Baianinho era

¹⁷ Em 1916, Octacílio Baptista foi um dos oficiais das forças governistas capitaneadas pelo Cel. Zelito (Cel. José Alves Ribeiro Filho).

de boa aparência física, grande delicadeza e simpatia pessoal. Sua coragem demonstrada por ocasião da Revolução de 32, quando o Sul de Mato Grosso acompanhou o movimento constitucionalista de São Paulo e atitudes desassombradas, mesmo alguns crimes a êle atribuídos na juventude, inclusive o rapto de uma noiva durante a cerimônia do casamento, deram-lhe prestígio pela fama de valentia, que o predis pôs à liderança dos bandos criminosos (MACHADO, 1957, p. 25-260).

Para combater os *Baianinhos*, o governo estadual organizou uma captura em 1941, comandada por Rodrigo Peixoto, que “eliminou Felipe nas proximidades de Campo Grande, e *Baianinho* em Camapuan”.¹⁸ Tempos depois, os remanescentes dos irmãos Baptista fugiram para a região de Bela Vista, onde Rodrigo Peixoto foi fuzilado pelos próprios *Baianinhos*. Em 1942, retornaram a Camapuã e em outro confronto com forças policiais morreu outro irmão, Vítor Batista. Caçados em toda a região, fugiram para Curitiba, de onde retornaram pela fronteira, acrescidos de um grupo de paraguaios e atacaram fazendas no pantanal, armados de metralhadoras de mão. Essas

metralhadoras de mão *Thompson*, conhecidas na região pela pitoresca onomatopéia *piripipi*, constituem um residuo do material bélico boliviano apreendido pelos paraguaios na guerra do Chaco e conservado subreticamente (sic) por particulares, que as vendem aos interessados. Os *Baianinhos* teriam comprado esse armamento e com ele aumentaram a eficiencia de seus ataques ás fazendas. O problema do transporte é resolvido por esses bandoleiros progressistas por meio de uma *caminhonete* abundantemente provida de gasolina, abandonando assim o classico cavalo dos bandoleiros de outróra.¹⁹

¹⁸ Falando a A NOITE faz novas revelações sobre os famosos irmãos Batista o ex-senador matogrossense Vespasiano Barbosa Martins. *A Noite* de São Paulo, 17 dez. 1943 *apud* MARTINS, 1944, p. 148-149.

¹⁹ “Os bandoleiros *Baianinhos* estão agindo em Mato Grosso armados de metralhadoras de mão”. *Diário de S. Paulo*, 16 dez. 1943, *apud* MARTINS, 1944, p. 152-153.

Nessa época, ao contrário do que ocorreu nas primeiras décadas da República quando o *coronelismo guerreiro* envolveu o banditismo nas lutas político-partidárias, a situação de violência e do banditismo em toda a região de fronteira foi uma arma dos divisionistas de Campo Grande, utilizada como argumento para denunciar o descaso das autoridades estaduais, evidentemente nortistas, com relação ao sul do estado. Já no período pós-1937, com o Estado Novo, o banditismo em Mato Grosso não só foi com mais eficiência reprimido com recursos federais e estaduais (e com o auxílio do Exército), como também sofreu uma *repressão burocrática* através da censura e de decretos do governo. O *Jornal do Commercio*, de Campo Grande, denunciava

o silêncio da imprensa da cidade em relação ao surto de banditismo que vem alarmando os fazendeiros, especialmente, porque os componentes dos bandos atacam as fazendas, praticando extorsões, fazendo o saque e infligindo mesmo castigos corporais./ Desejamos tomar a parte que nos cabe na censura e que, seja dito de passagem, só atinge o nosso jornal, porque os outros órgãos locais – *O Progressista* e *O Campograndense* – publicaram pelo menos os comunicados da policia, o que não fizemos (...) Quanto ao nosso jornal, é facil explicar porque sistematicamente se recusou a veicular noticias sobre atividades dos bandoleiros, até mesmo as comunicações oficiais. Está no nosso programa realizar uma intensa e eficiente propaganda do Estado (...).²⁰

²⁰ *Jornal do Commercio*, 13 nov. 1943 *apud* MARTINS, 1944, p. 149.

Essa polêmica refletiu em sua essência a luta dos divisionistas do sul ao denunciar a grande insegurança que entendiam ser provocada pelo banditismo, em consequência do descaso das autoridades governistas. Em dezembro de 1943, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda-DEIP informava que

não há qualquer atividade do grupo conhecido pela denominação de *Baianinhos* no Estado. Apenas dois remanescentes desse grupo, tentaram reorganizar novamente o referido bando, tendo, porém, o governo adotado prontas e enérgicas providências que resultaram no completo extermínio do grupo. Algumas agências telegráficas tiveram sua curiosidade provocada pelas acertadas e oportunas providências governamentais de repressão áquela tentativa malograda de reimplantação do cangaço no Estado, e a falta de episódios sanguinarios para noticiar, tão do agrado das referidas agências, têm tecido mentiras e inventado lendas em torno das supostas atividades dos bandoleiros, cujo grupo, composto, aliás, de reduzido numero foi inteiramente aniquilado pela escolta de captura do Estado. Dois ou três elementos conseguiram escapar da energica ação policial e emigraram para o Paraguai.²¹

²¹ O *Campograndense*,
19 dez. 1943.

O DEIP em Mato Grosso atuou no sentido de encobrir ao máximo a situação de insegurança e a ocorrência de banditismo na região sul como demonstração de força da ditadura estadonovista e no intuito de impor a manutenção da ordem e da segurança a qualquer custo. Assim, a despeito de toda a repressão do Estado Novo, quer pela censura, pela força dos decretos ou pela opção do próprio Exército no combate ao banditismo endêmico no estado, permaneceram ainda as mesmas circunstâncias favoráveis e o mesmo contexto sócio-econômico que fomentou a violência e caracterizou por muito tempo a região de Mato Grosso e, em especial, o sul do estado como *terra de bandidos*, de violência e de *povo armado*.

BIBLIOGRAFIA

- BEZERRA, Gregório. *Memórias*. 2ª parte, 1946-1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso, 1889 – 1943*. 2ª. Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2006.
- FERREIRA, Francisco Bernardes; ROSA, Albino Pereira da. *Maracaju e sua gente*. 1988.
- LIMA, Asturio Monteiro de. *Mato Grosso de outros tempos. Pioneiros e heróis*. São Paulo: Soma, s/d.
- MACHADO, Paulo Coelho. *A criminalidade no estado de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1957.
- MARTINS, Oclecio Barbosa. *Pela defesa nacional*. Campo Grande, 1944.
- PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Matto Grosso. Terra Abandonada*. São Paulo: Mayença, 1933.
- SEREJO, Helio. *4 Contos*. Presidente Wenceslau, s/d (1).
- _____. *Vida de erval*, s/d. (2).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes (Org.). *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1995.

